

O PODER NAS SOMBRAS: OS BASTIDORES DO DIREITO INTERNACIONAL NA NOVA ORDEM MUNDIAL

DIE MACHT IN DEN SCHATTEN: HINTER DIE SZENE DES INTERNATIONALEN RECHTS IN DER NEUEN WELTORDNUNG

Jordão Horácio da S. Lima¹

RESUMO

A pretensão do presente artigo consiste em proceder à análise do poder oculto por detrás do Direito Internacional na atual conjectura da Nova Ordem Mundial. O embuste fomentado por clãs familiares tradicionais, unidos com os representantes da elite ocidental: empresários, políticos e intelectuais; e organizados na forma de *think-tanks*, com o propósito de alcançarem, a longo prazo, o Governo Mundial Único. Estabelecidas em agremiações secretas, semelhantes às da máfia, como o Clube Bilderberg, o Council of Foreign Relations e a Comissão Trilateral, nosso objeto de estudo no presente contexto, se valem de simulacros, manipulações e de mecanismos por diversas vezes criminosos. Destarte, esperamos compreender estas relações escusas de poder no intento de livrar o Direito Internacional da ruína, destacando sua grande importância nas relações internacionais contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: DIREITO INTERNACIONAL; NOVA ORDEM MUNDIAL; BILDERBERG;

DIE ZUSAMMENFASSUNG

Die Absicht dieses Artikels soll die Analyse der Macht versteckt hinter der aktuellen Vermutungen internationalen Rechts in der neuen Weltordnung. Die Täuschung gefördert durch traditionelle Familie Clans, zusammen mit den Vertretern der westlichen Elite: Geschäftsleute, Politiker und Intellektuelle, und organisierte in Form von Think-Tanks, mit dem Ziel, langfristig die Eine-Welt-Regierung. Gegründet im Geheimen Verbände, ähnlich wie die Mafia, wie der Bilderberg-Club, dem Rat für auswärtige Beziehungen und die Trilaterale Kommission, unser Objekt der Studie in diesem Zusammenhang wert ist von simulacros, Handhabung und Mechanismen mehrfach Kriminelle. So hoffen wir, zu verstehen, diese Beziehungen Ausreden der Macht in dem Versuch zu befreien, die internationalen Rechts der Ruine, Hervorhebung ihrer Bedeutung in der zeitgenössischen internationalen Beziehungen.

SCHLAGWORTE: INTERNATIONALEN RECHTS; NEUEN WELTORDNUNG; BILDERBERG

SUMÁRIO

Resumo. Die zusammenfassung. Introdução. 1. Sociedades Secretas e Agremiações Ocultas ao longo do processo histórico. 2. O Clube Bilderberg. 3. O *Council Of Foreign Relations* (CFR) e a Comissão Trilateral (CT). 4. O Direito Internacional na Nova Ordem Mundial. Considerações Finais. Referências Bibliográficas.

¹ Graduado em Direito pela Universidade Federal de Goiás, em Relações Internacionais pela Universidade Católica de Goiás. Especialista em Direito Internacional pela Universidade Federal de Goiás. Advogado Associado do Escritório TONIDANDEL&COSTA Advogados Associados S/S.

INTRODUÇÃO

“Não acredite no que você ouviu; não acredite em tradições porque elas existem há muitas gerações; não acredite em algo porque é dito por muitos; não acredite meramente em afirmações escritas de sábios antigos; não acredite em conjecturas; não acredite em algo como verdade por força do hábito; não acredite meramente na autoridade de seus mestres e anciãos. Somente após a observação e análise, quando for de acordo com a razão e condutivo para o bem e benefício de todos, somente então aceite e viva para isso.”
(Gautama Buddha – 1600 A.C.)

Quando *Eric Arthur Blair* escreveu o romance 1984, sob o pseudônimo de *George Orwell*, retratando o cotidiano de uma sociedade totalitária, muitos se surpreenderam com a imaginação e a astúcia do inglês que, fazendo um trocadilho com o ano em que o livro foi escrito (originalmente em 1948), representou com argúcia um universo inóspito e opressor controlado pelos simpatizantes do regime do *Big Brother* e da ideologia *IngSoc*. Estarrecido após uma visita à extinta União das Repúblicas Soviéticas, o outrora comunista *Blair* recria um mundo controlado por um regime totalitário, onde as liberdades civis foram praticamente abolidas pelo Estado, numa tentativa de alertar o mundo diante dos perigos do regime stalinista.

O protagonista do romance é *Winston Smith*, um apagado funcionário do Ministério da Verdade, um órgão que cuida da informação pública do governo, e que parte da indiferença perante a sociedade totalitária em que vive, e passa à revolta, levado pelo amor de Júlia, num ambiente em que o sexo, senão para procriação, é considerado crime. É incentivado em sua insurreição por *O’Brian*, um membro do Partido com quem *Winston* simpatiza, mas acaba por descobrir que sua revolta é fomentada pelos próprios sectários do regime do Grande Irmão, revelando um complexo mecanismo de manipulação para manter o domínio sobre a sociedade civil.

Enfim, apesar da previsão de *Blair* ser aterrorizante e tétrica, o comunismo acabou por cair de podre nos fins da década de 1980, desvelando uma carcaça paquidérmica falida e enguiçada, restaurando a fé dos pensadores neoliberais, como o nipo-estadunidense *Francis Fukuyama*, que decretou o “Fim da História” em artigo publicado nos fins de 1989, afirmando que o capitalismo e a democracia burguesa constituem o coroamento da história da humanidade, ou seja, de que a natureza humana

teria atingido, no final do século XX, o ponto culminante de sua evolução com o triunfo da democracia liberal ocidental sobre todos os demais sistemas e ideologias concorrentes. Teve início um período denominado por internacionalistas e teóricos políticos como “Nova Ordem Mundial”, caracterizado por uma ofensiva sem precedente da ideologia burguesa-imperialista visando a conquista dos corações e mentes em escala global.

Tudo indicava que a globalização aproximaria um mundo até então com complexo de bipolaridade e seria a solução para os defeitos congênitos do sistema internacional, como os bolsões de miséria na África e na América Latina e as guerras encarniçadas na Ásia Menor. O fato é que na aurora do século XXI os africanos ainda agonizam em praça pública, vítimas de déspotas sanguinolentos e da rapinagem de seus recursos naturais promovida pelas grandes multinacionais por lá radicadas, tudo sob os auspícios dos governos ocidentais. O ataque ao *World Trade Center* em setembro de 2001 fez com que o presidente norte-americano George Walker Bush levantasse a espada do liberalismo-cristão-ocidental e promovesse uma cruzada pungente atrás de mouros ensandecidos escondidos nas cavernas do longínquo Paquistão, e levasse à força o carniceiro de Bagdá, o nefasto *Saddan Hussein*. Parecia que enfim poderíamos dormir tranquilos, pois nossos bravos irmãos do Norte protegeriam com o próprio sangue o maior legado de todos os tempos: o Estado Democrático de Direito.

O mundo estaria, portanto, na mais completa paz. Seria a cessação definitiva das hostilidades, e a concórdia e a harmonia fariam parte do alicerce da tão comemorada “Nova Ordem Mundial”. Tudo seria lindo se as balelas acima narradas e divulgadas em massa pelos meios de comunicação não consistissem numa falácia, num verdadeiro embuste promovido por grupos obscuros e com interesses escusos, organizados em sociedades secretas ou simplesmente em *think-tanks*, reunindo os grandes empresários, políticos e intelectuais do planeta, e que coordenam suas atividades afim de que a famigerada “Nova Ordem Mundial” atenda seus interesses vis de dominação das relações comerciais e de poder de todas as esferas da sociedade internacional.

Talvez a profecia Orwelliana não esteja tão distante. Talvez sejamos apenas peões num tabuleiro comandado por uma elite perversa e de malíssima índole, capaz de arquitetar os mais hediondos feitos para assegurarem seus propósitos infames. Qual seria a consequência se a sociedade internacional percebesse esse engodo? Qual seria a reação se a massa descobrisse a verdade por trás do assassinado do presidente americano *John Fitzgerald Kennedy*, do primeiro-ministro italiano *Aldo Moro*, do

primeiro-ministro paquistanês *Ali Bhutto*, e recentemente o de sua filha, a presidenciável *Benazir Bhuto*? Como se comportaria o povo ao saber da farsa que envolve o ataque de 11 de setembro, bem como os estratagemas que se valeram o serviço secreto norte-americano em seus intentos nefandos, incluindo homicídios, seqüestros, torturas, lavagem de dinheiro, tráfico de drogas e de pessoas?

O conspiracionismo é visto com maus olhos por grande parte da alta cúpula intelectual e acadêmica, salvo raras exceções, devido a falta de embasamento científico, e como atividade subversiva pelas entidades oficiais, já que geralmente representam certo risco para os poderes do Estado como um todo. Mas o fato é que diversas conspirações acabaram por se mostrar verdadeiras ao longo do processo histórico, e estão devidamente relatadas em documentos oficiais e obras acadêmicas. Destarte, ao invés de recorrer aos ansiolíticos, se faz necessário um estudo mais aprofundado das relações obscuras de poder ao longo do século XX, para se compreender melhor o que esta elite secreta espera da supracitada “Nova Ordem Mundial” e como o direito internacional será de importância ímpar neste “Admirável Mundo Novo”².

Daí a pretensão deste artigo, que será analisar a fundo estas relações obscuras dos bastidores da política internacional, centrando o objeto de estudo nos três principais agrupamentos ocultos de poder, quais sejam: o Clube Bilderberg, o Conselho de Relações Exteriores³, e a Comissão Trilateral. De início será feita uma abordagem acerca da origem das sociedades secretas e como estas foram evoluindo ao longo dos séculos, até chegarmos aos tempos hodiernos pós-Guerra Fria. Outrossim, será feita uma abordagem breve, porém intensa, sobre as características do novo Direito Internacional, e qual será o papel desta disciplina na formatação de uma “Nova Ordem Mundial” e sua importância diante da ação funesta das entidades supracitadas. Procuramos assim enfocar a figura do Direito Internacional no universo das relações internacionais manipuladas nos bastidores do poder.

Como pesquisa teórica será realizada revisão bibliográfica a partir de material publicado, ainda que parco, mas constituído principalmente de livros e revistas especializadas no assunto e outros meios disponíveis com a finalidade de avaliar com

² Parafrazeando outro escritor futurista, *Aldous Huxley*, que profetizou uma sociedade onde os cidadãos seriam pré-condicionados biologicamente e condicionados psicologicamente a viverem em harmonia com as leis e regras sociais, dentro de uma comunidade organizada por castas, sem ética religiosa ou valores morais.

³ *Council of Foreign Relations*, em ingles.

êxito o quadro teórico de referência, no intuito de oferecer contribuições originais e maiores discussões da matéria.

I – SOCIEDADES SECRETAS E AGREMIÇÕES OCULTAS AO LONGO DO PROCESSO HISTÓRICO

O termo ‘sociedade secreta’ vem sido utilizado atualmente para denominar organizações esotéricas, irmandades místicas, ordens militares, fraternidades filosóficas, grupos de culto satânico e intolerância racial, entre outros. O fato é que as verdadeiras sociedades secretas jamais serão conhecidas por ninguém além de seus próprios membros. Tais sociedades, devido seu caráter sigiloso, sempre despertaram a curiosidade dos não-membros, fazendo surgir mitos e mexericos, enfim, idéias falsas sem correspondência nenhuma com a realidade. A razão primeira para homens se juntarem em grupos secretos era de ordem religiosa, tanto que na Grécia antiga as reuniões sigilosas eram realizadas sob o patrocínio de Harpócrates, deus grego do silêncio. Os antigos romanos e egípcios também mantinham segredos e cultos religiosos misteriosos. Com o passar dos anos, o propósito da maioria das sociedades secretas mudou para o simples estabelecimento de uma camaradagem especial entre seus membros, passando a adotar rituais de iniciação inspirados em primitivos ritos de passagem. Por volta do século IV da Era Cristã tais sociedades passaram a ganhar certa notoriedade, e também surgiram os grupos reservados exclusivamente a mulheres, que se encontravam em florestas e montanhas para cultuar deuses e executar outras práticas esotéricas. Tais cultos haveriam de ter o cunho secreto, pois a bruxaria era severamente reprimida pela Grande Senhora Feudal, a Igreja Católica, durante a Idade Média. (DRAGO, 2006, p.8)

Ao longo do processo histórico as sociedades secretas evoluíram e há muito ultrapassaram o terreno religioso e enveredaram pelo político. Se espalharam pelo mundo, traçaram ideais e estipularam metas, e muitas delas chegaram ao século XXI com força total e enveredadas no sistema político internacional. Só a título de ressaltar a periculosidade da existência das mesmas, vale citar o fato que sociedades maçônicas norte-americanas admitem que 15 dos 43 presidentes dos Estados Unidos fizeram parte de seus quadros. O atual presidente americano, *George W. Bush*, bem como seu pai, *George Bush*, fizeram parte da *Skull and Bones*, sociedade secreta centrada na elitista Universidade de Yale, fundada em 1833, e da qual saíram proeminentes governadores,

senadores, presidentes, diretores da CIA e FBI, entre outros. (GRAZIANO, 2005, p.182)

A Sociedade de Thule⁴ foi fundada em 1919 pelo dramaturgo alemão *Dietrich Eckart* e posteriormente consolidada sob o comando do avatar da geopolítica moderna, o general e professor *Karl Haushofer*, possuidor da cátedra de geopolítica da Universidade de Munique. Esta agremiação de cunho secreto foi inspirada pelo movimento *völkisch*, termo que designava um conjunto de aspirações populares e nacionalistas, marcadas por implicações raciais. Na Alemanha, por causa do desastre provocado pela derrota na Primeira Guerra Mundial, havia um terreno fértil para a expansão das idéias pan-germanistas de cunho anti-semita. Boa parte dessas idéias foi canalizada através de sociedades secretas com objetivos políticos. Thule era a mais importante dessas sociedades no período entre guerras. Faziam parte de seu quadro intelectuais e proeminentes empresários alemães que desejavam mudar a história do país. Um jovem cabo do exército alemão, de fala eloqüente e hipnótica, que freqüentava as reuniões do débil Partido dos Trabalhadores Alemães numa cervejaria aos redores de Munique, foi identificado por *Dietrich e Haushofer* como comandante nato, e assim recrutado para um projeto de redenção do povo germânico, intento conhecido como o “Reich de Mil Anos”. Nascia para a vida política *Adolf Hitler*, o déspota ensandecido e sanguinário que promoveu o espetáculo mais medonho nunca dantes visto pela espécie humana. O fato é que foi Thule a responsável por amoldar o jovem Hitler aos princípios execráveis de cunho anti-semita que mais tarde determinariam a perseguição e o extermínio sistemático do povo judeu. (GRAZIANO, 2005, p. 185)

Com a morte de *Dietrich*, em 1923, *Karl Haushofer* assumiu o controle de Thule, e resolveu fazer de *Hitler* um *golem*. No folclore judaico, *golem* consiste num boneco de barro que ganha vida a partir das mãos de um mágico, que pretende imitar Deus na criação de Adão. *Edmund A. Walsh* explana da seguinte forma sobre a relação de *Haushofer e Hitler*:

Em un momento dado, Karl Haushofer contribuyó a la evolución psicológica de Adolf Hitler con una línea de argumentación, con una tesis y con una serie de hechos geográficos cargados de significado político. En *Mein Kampf* aparece una nueva línea. Además de los viejos clichés, encontramos con frecuencia la invocación al *Lebensraum*, discusiones entre los términos de espacio para vivir y seguridad

⁴ *Thule Gemeinschaft*, em alemão. Referência ao mito de Thule, uma região mítica do Ártico, similar à lendária Atlântida, na qual teriam vivido os homens gigantes da raça ariana.

exterior, avaliação do espaço como o reforçamento de la defesa, demandas de fronteiras naturais, equilíbrio entre el poder terrestre y el poder marítimo, y el lugar de la geografía em la estrategia militar. Esta graduación desde la chusma que aparece en capítulos anteriores de *Mein Kampf* a los passos elementales de la geopolítica es demasiado circunstancial para ser uma mera coincidência, en vista del tipo de lectura que Haushofer admitió haber llevado a Hitler y a Hess en la prisión de Landsberg. (...) La geopolítica no funcionaría en la formación de una elite de la Alemania hitleriana del mismo modo que la doble hipótesis de lucha de clases y materialismo dialéctico había servido para racionalizar el comunismo em la Unión Soviética. Aquella ciencia falsa confería um halo de respetabilidad a una conspiración que empezó em uma cervecería de Munich y terminó en un imperio mayor que el de Gengis Khan.⁵ (WALSH, apud RAVENSCROFT, 1994, p.270-271)

O *golem Hitler*, uma vez escolhido como chanceler do *Reich* em janeiro de 1933, confirma a predição do folclore judaico. Assim como na lenda, *Hitler* se volta contra seu criador, *Karl Haushofer*, numa clara indisposição em compartilhar o poder por ele adquirido. O resto da história nós já sabemos. O *Führer* arrastou a Alemanha para o período mais sombrio de sua farta história, um conflito encarniçado envolvendo o mundo como um todo e que foi responsável pela morte de cerca de 60 milhões de pessoas.

Trazer à tona esta relação entre a Sociedade de Thule e *Adolf Hitler* ressalta a necessidade de compreender o perigo que estas agremiações ocultas podem representar para a comunidade internacional, por corromperem e danificarem os alicerces do sistema, rompendo com o equilíbrio de poder tão vislumbrado no âmbito do direito internacional.

A sociedade de Thule, que havia elevado um ex-cabo à condição de *Führer* de todo um império, foi extinta por seus membros após a guerra. Mas com certeza seus 1500 integrantes, na maioria aristocratas e grandes empresários, não foram submetidos a sanções e represálias ante suas ações escusas e interesses obscuros. Consiste neste fato o

⁵ “Em um momento dado, Karl Haushofer contribuiu para a evolução psicológica de Adolf Hitler com uma linha de argumentação, com uma tese e com uma série de conceitos geográficos carregados de significado político. Em *Mein Kampf* aparece uma nova linha. Além de velhos clichês, encontramos com frequência a invocação ao *Lebensraum*, discussões entre os limites de espaço para viver e segurança exterior, avaliação do espaço como o reforço da defesa, demanda de fronteiras naturais, equilíbrio entre o poder terrestre e o poder marítimo, e o lugar da geografia na estratégia militar. Esta graduação, desde os fatos que aparecem nos primeiros capítulos de *Mein Kampf* aos passos elementares da geopolítica, é demasiado circunstancial para ser uma mera coincidência, em vista do tipo de leitura que Haushofer admitiu haver levado a Hitler e a Hess na prisão de Landsberg. (...) A geopolítica não funcionaria na formação de uma elite na Alemanha hitlerista do mesmo modo que a hipótese dupla de luta de classes e materialismo dialéctico havia servido para racionalizar o comunismo na União Soviética. Aquella ciência falsa conferia uma auréola de respetabilidade a uma conspiração que começou numa cervejaria em Munique e terminou num império maior que o de Gengis Khan.” (Tradução Livre)

grande perigo das sociedades secretas, que ainda hoje engendram o mal e impedem que o futuro da humanidade seja traçado às claras. Seus integrantes estão acima de qualquer suspeita escondidos atrás do grande capital. O professor Walter Graziano explana da seguinte forma sobre essa questão:

Obviamente, a periculosidade das sociedades secretas baseia-se no fato de que o sigilo lhes confere uma vantagem muito grande em comparação com as sociedades abertas e democráticas. Eliminando qualquer prova, o sigilo dá aos seus membros a possibilidade de atuar sem que os outros saibam. Além disso, se existem as sociedades secretas é porque existem objetivos secretos. Se esses objetivos secretos fossem compatíveis com o ideário das democracias, não teriam por que serem secretos. As sociedades secretas possuem não só objetivos secretos, como também meios de ação ilegais e muitas vezes criminosos. As sociedades secretas possuem códigos muito similares aos da máfia. Mais ainda, a própria máfia não é nada além de uma sociedade secreta. Se cada vez que escutássemos a expressão “sociedade secreta”, fosse da índole que fosse, associássemos de forma direta com a expressão “grupo-máfia”, é possível que a nossa indignação fosse tal, que impedisse ao menos uma boa parte da atividade desses grupos. Talvez o mundo tivesse evitado boa parte das crises geradas e prolongadas muitas vezes um tanto artificialmente com a finalidade de manter e aumentar o poder por parte dessas sociedades. (GRAZIANO, 2005, p.188)

Veremos a seguir as agremiações ocultas que atuam na zona de atividade internacional e que agem na sombra de governos e organismos internacionais, se valendo da perfídia e de mecanismos escusos para alcançarem seus propósitos hediondos e abjetos, sacrificando, para tanto, até mesmo os princípios basilares do direito das gentes.

II – O CLUBE BILDERBERG

Fundado em 1954, o Clube é composto por sócios que representam a elite de todas as nações ocidentais – financistas, industriais, banqueiros, políticos, líderes de corporações multinacionais, presidentes, primeiros-ministros, secretários de Estado, representantes de organismos internacionais, executivos dos meios de comunicação e líderes militares – que se reúnem secretamente todo ano para debater e deliberar acerca de políticas e estratégias globais. Já participaram de seus encontros todos os presidentes americanos desde *Eisenhower*, *Tony Blair* (ex-primeiro-ministro britânico), *Lionel Jospin* (líder do partido socialista francês), *Romano Prodi* (ex-primeiro-ministro italiano), José Durão Barroso, *Alan Greenspan*, *Hillary Clinton*, *John Kerry*, *Melinda e*

Bill Gates, Henry Kissinger (um dos mentores do Clube), a dinastia *Rothschild*, *James Wolfenson, George Soros, David Rockefeller, Rupert Murdoch*, entre muitos outros. (ESTULIN, 2005, p.29)

Foi idealizado pelo príncipe *Bernard* da Holanda, sob a égide de Lorde *Rothschild* e *Laurance Rockefeller*, chefes das duas mais poderosas famílias do mundo na época. A primeira reunião, entre 29 e 31 de maio de 1954, teve como palco um hotel da localidade holandesa de *Oosterbeek*, o Bilderberg, que acabou cedendo seu nome à sociedade. As reuniões são privativas dos sócios e fechada para a imprensa e para o público em geral, e geralmente ocorrem em localidades afastadas e abastadas, restringindo o acesso e facilitando o controle e a segurança do evento. Grande maioria dos seguranças são ex-membros da CIA, do MI6 e do Mossad, responsáveis pela fiscalização no sentido de coibir qualquer tentativa de fraudar as normas do Clube. O caráter secreto das reuniões deve-se ao fato de que cada participante é “magicamente despojado de seus cargos” para tornar-se um “simples cidadão de seu país durante toda a duração do Congresso”, nas palavras do príncipe *Bernard*. Desta forma os debates podem tomar um tom mais informal, aproximando os participantes. Tal afirmação é bastante discutível, visto que é vedado nos Estados Unidos aos detentores de cargos eletivos encontrarem-se privadamente com empresários influentes para debaterem e conceberem políticas públicas⁶. Geralmente cada país envia uma delegação de três representantes: um industrial, um ministro ou senador e um intelectual ou editor. As conferências reúnem normalmente cerca de 130 delegados, provenientes de países europeus e dos Estados Unidos e Canadá. Vale dizer, ademais, que os participantes seguem as regras do Instituto Real de Assuntos Internacionais, fundada em 1919 através do Tratado de Versalhes, e chamada de *Chatam House*. Tais dispositivos disciplinam que os delegados podem divulgar as informações geradas nas reuniões, em parte, mas devem guardar segredo a respeito da identificação de quem a forneceu; e tampouco podem mencionar que tal informação é proveniente de um dos encontros. O caráter secreto e escuso das reuniões do Clube é, portanto, manifesto e patente. (ESTULIN, 2005, p. 33-35)

Mas, enfim, o que seria realmente o Clube Bilderberg e quais seus reais propósitos? O periódico londrino *The Guardian* definiu um “bilderberger” como um

⁶The Logan Act. Disponível em: http://www.law.cornell.edu/uscode/html/uscode18/usc_sec_18_00000953----000-.html

socialista fabiano⁷ partidário entusiasta de uma ordem mundial única. Nas palavras de *William Shannon*, citado em obra magnânima do professor Daniel Estulin:

O Clube Bilderberg está em busca de uma era do pós-nacionalismo: esse momento em que já não haverá países, só regiões e valores universais, quer dizer, só uma economia universal, um Governo Universal (designado, não eleito) e uma religião universal. Para assegurar esses objetivos, os membros do Clube Bilderberg defendem um enfoque mais técnico e menos conhecimento por parte do público. Isto reduz as possibilidades de que toda a população se inteire do plano global dos donos mundiais e organize uma resistência. (SHANNON, apud ESTULIN, 2005, p.51)

Percebe-se, destarte, que o Clube é um entusiasta da Nova Ordem Mundial, do mercado globalizado e dos valores universais. Seus membros vislumbram, num período de médio a longo prazo, um único governo planetário regulado por normas globais, baseado num exército único e num Banco Central Mundial. Neste contexto surgirá uma Igreja universal, que canalizará as pessoas para os desejos da Nova Ordem. Haveria, também, a institucionalização de valores universais, e com a decadência do conceito de soberania, a identidade nacional acabaria por extinta. O controle da humanidade seria através de meios de manipulação mental. Este projeto está descrito na obra “Era Tecnocrônica”, do professor *Zbigniew Brzezinski*, um avatar da geopolítica americana durante a Guerra Fria, e que também é membro do Clube. Conjeturam os membros, da mesma forma, a formação de uma sociedade pós-industrial, com controle totalitário dos meios-de-produção, estimulando um crescimento zero e determinando o fim da prosperidade, afim de realinhar as classes sociais, instituindo assim um regime de proprietários/escravos. A redução populacional também faz parte do projeto, intento já experimentado por *Pol Pot* no Camboja, através de planos genocidas projetados nos Estados Unidos por uma das instituições irmãs do Bilderberg, o Clube de Roma. Os Organismos Internacionais, como a ONU e as instituições a ele vinculadas, são vistas pelos membros do Clube como essenciais para desenvolver conceitos de identidade universal. Neste contexto orwelliano o direito internacional despontaria como único conjunto de normas existente, não mais para regular as relações entre os Estados e

⁷ Consiste num movimento de socialismo utópico, de caráter elitista, e que faz referência ao general romano Quinto “Fábio” Máximo, que conteve Aníbal sem enfrentá-lo, à espera do momento oportuno. Os socialistas fabianos propunham a divulgação e expansão dos ideais socialistas através de uma paciente e progressiva destilação da ideologia socialista entre os círculos intelectuais e de poder. Por isso o símbolo do movimento é uma tartaruga. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_fabiano. Acesso em: 22 jul 2008.

destes com o sistema internacional, e sim no sentido coordenar a sociedade como um todo, como uma Confederação de Estados Kantiana, baseada em princípios universais. (ESTULIN, 2005, p.52-53)

Esta projeção de domínio do sistema internacional aparenta ser apenas uma representação fantasiosa de uma mente perturbada. Mas infelizmente aquilo que era para ser apenas uma teoria conspiracionista sem qualquer fundamento científico acaba por ser tornar um pesadelo de proporções colossais, ante a gama de atrocidades cometidas por estas agremiações secretas ao longo do processo histórico, e que sempre acabam impunes, pois são objeto de maquinações de atores ocultos muito bem acomodados nos bastidores do poder.

O ataque ao *World Trade Center* em setembro de 2001 representou um divisor de águas na política externa do presidente *Bush*, e que terminou por abalar os alicerces do cenário internacional, colocando o terrorismo na pauta da agenda das principais entidades soberanas do planeta. Como um bom cristão/capitalista, arrastou os Estados Unidos para uma cruzada no Oriente Médio, onde as tropas ianques continuam estacionadas e sem uma provável data de retirada. Este fato todos conhecem a fundo, mas existem elementos não noticiados pela imprensa de massa que não condiz com a visão da Secretaria de Defesa norte-americana acerca do atentado. O professor Walter Graziano, economista argentino de grande prestígio, escreveu uma obra na qual levanta 30 argumentos que comprovam que o ataque às Torres Gêmeas nada mais é do que um embuste arquitetado por “bilderbergers” e por outros membros da elite norte-americana que se beneficiariam com uma possível incursão americana aos disputados campos de petróleo da Ásia Menor.

Entre os indícios do possível engodo, o professor Graziano aponta o fato de que as Torres Gêmeas, construídas por iniciativa dos irmãos *Rockefeller*, foram alugadas, por 99 anos, por cerca de três bilhões dólares somente sete semanas antes do atentado. Um certo senhor chamado *Larry Silverstein*, empresário do ramo de “casas noturnas” em Nova York, e que já teve seu nome envolvido em escândalos por tráfico de heroína oriunda do Laos, lavagem de dinheiro e corrupção da polícia, reclamou para si mais de sete bilhões de dólares à seguradora suíça Re. Outro elemento suspeito abordado consiste no fato de que entre os dias 6 e 7 de setembro, na véspera do atentado, houve uma grande e incomum atividade em *Wall Street* com opções de vendas das ações da *American Airlines* e da *United Airlines*. Apenas no caso da *American Airlines* foram negociados 4.744 contratos de venda contra os 300 usualmente negociados todo dia.

Não se sabe quem comprou estas opções de venda, o que se sabe é que as ações foram negociadas pelo *Deutsche Bank/ABBrown*, dirigido até 1998 por *A.B. “Buzzy” Krongard*, e que desde esta data assumiu a diretoria-executiva da CIA. Outro elemento pertinente suscitado por Graziano está relacionado com os ataques de antraz que se seguiram aos atentados. O único que foi considerado suspeito pelos ataques foi o cientista *Bruce Ivins*, do Instituto de Pesquisa Médica de Doenças Infecciosas do Exército dos Estados Unidos, e que foi encontrado morto em meados deste ano vítima de “suicídio” por overdose de remédios, na véspera de seu julgamento⁸. Talvez tenha sido a consciência pesada, talvez não. Basta lembrar o quão proveitoso foi para o governo americano a histeria social provocada pelo evento, e como foi fácil convencer os norte-americanos da existência de armas químicas sob o controle de *Saddan Hussein*. (GRAZIANO, 2005, p.59-60)

Vários outros vestígios deste simulacro organizado pelas forças ocultas supracitadas são levantados pelo professor Graziano, e vão desde a impossibilidade de queda de um avião no Pentágono, passando pela suspeita acerca da real identidade dos seqüestradores das aeronaves. O importante é observar que, muito além das figuras que julgamos ser detentoras do Poder, existem agrupamentos secretos infiltrados na alta cúpria administrativa das grandes potências capazes de forjarem mecanismos sórdidos visando à satisfação de seus interesses escusos. O Clube Bilderberg talvez seja um dos mais poderosos deles, mas existem outros que também merecem nossa análise crítica neste momento de reflexão, os quais veremos a seguir.

III – O COUNCIL OF FOREIGN RELATIONS (CFR) E A COMISSÃO TRILATERAL (CT)

John D. Rockefeller descendia de uma linhagem de fazendeiros pelos dois lados de sua família, que apesar de sempre se encontrarem com problemas financeiros, nunca foram realmente pobres. Cresceu sob os fundamentos da Igreja Batista, e desde cedo adquiriu uma postura essencialmente disciplinada em relação aos estudos e ao trabalho. Ainda era adolescente quando começou a trabalhar em refinarias, como negociante e *trader de commodities*, e percebeu o potencial e os lucros excessivos que poderiam ser obtidos a partir da exploração do petróleo. Incisivo em seus negócios, construiu a *Standard Oil*, que em apenas 15 anos já estava no controle mundial do petróleo, pilar de

⁸ Mais disponível em:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2008/08/080806_antrazinvestigacao_cg.shtml

conglomerado industrial e financeiro que revolucionaria a estrutura capitalista norte-americana no início do século XX. Este patriarca de uma das mais prósperas famílias do mundo articulou uma série de contatos e participou de barganhas com indivíduos de todo globo, inclusive com inimigos declarados do governo norte-americano, como *Lênin e Trotski*, financiando a malfadada revolução de 1905 e até mesmo a revolução bolchevique de 1917, em troca da exploração dos fartos poços de petróleo da região caucasiana. (MORRIS, 2006, p.30-31)

Foram inspirados na atitude do velho *Rockefeller*, e conscientes do real poder que implica controlar ao mesmo tempo a energia e o sistema bancário, que seus descendentes junto com clãs mais poderosos do mundo, como os *Harriman, Ford, Rothschild, Morgan e Carnegie*, decidiram criar o *Council of Foreign Relations* (CFR) em 1921 em reunião no Hotel *Magestic* de Paris. Hoje tem seu quartel-general na cidade de Nova York, na Harold Pratt House, uma mansão de quatro andares na esquina da *Park Avenue* com a rua 68, que foi doada pela herdeira da fortuna da *Standard Oil Rockefeller*. O CFR é composto por cerca de três mil membros, sendo que a maioria esmagadora são de americanos. Nestes mesmos moldes foi criado em Londres o *Royal Institute for International Affairs* (RIIA), que em termos práticos opera com o CFR como se fossem uma entidade só. Os membros incluem políticos, economistas, militares, jornalistas e educadores. O CFR se auto-identifica como sendo um fórum de discussões para o debate de idéias com o propósito de melhorar a qualidade de vida dos habitantes do mundo. Possui até site⁹ na internet e uma publicação trimestral chamada *Foreign Affairs*. No entanto, por trás deste verniz democrático, encontra-se uma instituição sumamente particular, com propósitos abjetos e ignóbeis. O seu presidente honorário é *David Rockefeller*. (GRAZIANO, 2005, p.123)

O real intento do CFR não difere do Clube Bilderberg, ou seja, nos mesmos moldes do socialismo fabiano, tencionam a implantação de um regime social de natureza global, igualando ao máximo a forma de vida, os costumes e a uniformização de valores, facilitando a conservação do poder pelos abastados e poderosos clãs familiares. O formato de fórum permite alguma dose de discordância nos debates. Assim como o banco dos *Rothschild* financiou em diversas guerras os dois lados do conflito, no âmbito do CFR se promovem a gestação e a aparição de duas posturas até certo ponto opostas entre si, seja o tema político ou econômico. Mas isto não impede

⁹ www.cfr.org

que o CFR já tenha de antemão uma decisão tomada e que será prevalecente. A aparência de debate intelectual nada mais é do que uma polidez superficial de desígnios caliginosos.

As decisões tomadas pelo CFR, juntamente com o apoio logístico dos bilderbergers, sendo que os membros de ambas são basicamente os mesmos, foram determinantes para o assassinato do ex-primeiro-ministro italiano *Aldo Moro* em 1978 pelos membros das Brigadas Vermelhas, com o apoio velado de diversos figurões da Casa Branca. Tudo isto ocorreu porque *Aldo Moro* não quis colocar a Itália num projeto do CFR que visava desestabilizar o Oriente Médio, bem como se afastou das diretrizes liberais ocidentais, implementando o pleno emprego e a paz industrial. Outro que pagou com a vida por não se alinhar com os ideais do CFR foi *Ali Bhutto*, presidente do Paquistão. Com o desejo de desenvolver armas nucleares como elemento de dissuasão contra as continuas agressões israelenses, *Bhutto* foi ameaçado pelo secretário americano *Henry Kissinger*, e acabou sendo assassinado judicialmente em 1979 pelo representante do CFR no país, o general *Zia ul Haq*. Foi formado um Alto Tribunal composto por *punjabis* abertamente hostis a *Bhutto*, que foi condenado à forca, apesar da Corte Suprema paquistanesa não ter sido unânime em relação à condenação à pena capital. Foi a primeira vez que se efetivou um veredicto dividido. A filha de *Bhutto*, *Benazir*, também foi assassinada num ataque terrorista nos fins de 2007, em meio à campanha presidenciável que ameaçava o posto de *Pervez Musharraf*, títere do sistema financeiro internacional. São muitas as coincidências e os interesses para acreditarmos que *Benazir* foi apenas uma vítima de um terrorista insano, e que a ação não foi arquitetada nos bastidores do CFR ou de qualquer outro *think-tank* com propósitos malignos. (ESTULIN, 2005, p. 61-63)

A Comissão Trilateral (CT), por sua vez, possui basicamente os mesmos intentos do Clube Bilderberg e do CFR, sendo que a única diferença está relacionada com seu processo de criação. Foi fundada em 1973 para agregar uma nova potência aos fóruns secretos de discussão: o Japão. É assim chamada porque integra além do país asiático os Estados Unidos e a Europa. Foi fundada por ninguém menos que *David Rockefeller*, o magnata americano que parece gostar muito de agremiações secretas, e que foi inspirado pela obra “*Between Two Ages*”, do já citado *Zbigniew Brzezinski*. A CT surgiu pouco depois do estouro do escândalo *Watergate* nos Estados Unidos. Há os que especulam – não sem razão – que o escândalo, a fundação da CT e o expurgo de *Nixon* sejam eventos intimamente conectados entre si. Mas infelizmente, com a mídia nas

mãos dos membros destas agremiações, incluindo os periódicos, canais de televisão abertos e pagos e agências internacionais de notícia, o acesso à verdade parece distante e inalcançável. O quadro se torna ainda mais sinistro quando percebemos que uma grande variedade de proeminentes acadêmicos também são associados destas entidades obscuras, e que acabam por semear uma ideologia particular de maneira subliminar no corpo discente dessas instituições de ensino superior, desviando a investigação científica para os fins que sejam de utilidade para a elite dominante do CFR, do CT, e do Bilderberg. É possível, desta forma, descobrir de antemão as dificuldades intelectuais que se possam apresentar para as políticas de socialismo gradual que, sob a fachada da globalização, a elite pretende lograr. (GRAZIANO, 2005, p. 133)

Após esta exposição, uma análise sobre os desafios do direito internacional frente aos perigos apresentados pela ação escusa das sociedades secretas sob o engodo da globalização se faz necessária e pertinente.

IV – O DIREITO INTERNACIONAL NA NOVA ORDEM MUNDIAL

É notória a transformação do sistema internacional nos últimos 20 anos. Com a dissolução do império soviético, diversos entraves que outrora empacavam projetos de grandíssima importância e que eram vetados no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas deixaram de existir. A própria ONU adquiriu outro status na comunidade internacional após a emblemática queda do Muro de Berlim, sendo portavoz de uma série de mudanças que agora são realidade no contexto do sistema-mundo. Os debates sobre questões pertinentes ganharam a devida repercussão, como, por exemplo, em relação à mudança climática, a proteção da biodiversidade e ao crescimento sustentável, e que culminou na ratificação por grande parte dos Estados onusianos do Protocolo de Kyoto, forçando a diminuição de gases estufa. Outra vitória incontestável no plano internacional foi a implantação do TPI (Tribunal Penal Internacional), que passou a reconhecer a responsabilidade penal do indivíduo na realidade global, prometendo dar um basta a todos os genocidas sanguinolentos, ensandecidos e impetuosos que ainda pesteiam o mundo em seu âmago.

Destarte, o processo conhecido como a Nova Ordem Mundial, caracterizado pela consolidação do capitalismo liberal e pela valorização dos ideais burgueses, impulsionou a sociedade internacional através de um mecanismo que denominamos globalização, marcado pela flexibilização das fronteiras e a livre-circulação de bens, serviços e capitais. O direito internacional, neste contexto, desponta com o papel fundamental de

auxiliar na normatização das relações entre os Estados soberanos e as diversas organizações internacionais, e as coletividades não-estatais, que se espalharam pelo sistema-mundo, que continua anárquico em sua essência, reafirmando o vislumbre do saudoso corifeu *Hedley Bull*, autor da magnânima obra “Sociedade Anárquica”.

Mas como já foi dito e redito anteriormente, nem tudo são flores. Diversas agremiações secretas se enveredaram pelo sistema internacional, penetrando na seiva política de diversos Estados e Organizações Internacionais, elaborando planos nefandos que visam a longo prazo a formação de um Governo Mundial Único, fundamentado numa organização verticalista, e baseado num sistema de castas sociais e na massificação das populações, que as tornam muito mais suscetíveis aos mecanismos vis de manipulação. Seria mais ou menos o que *George Orwell* denominou de “coletivismo oligárquico”. O direito internacional neste ponto de vista adquire um aspecto demasiadamente realista, e que pode ser conceituado com sapiência pelo professor *Jean-Marie Lambert*:

Visto sob esse prisma, o Direito Internacional é – e sempre foi – a lei do mais forte: reflete basicamente, os valores dos países que, em determinada hora, conseguem impor seus pontos de vista. Os interesses e desejos dos mais fortes se transformam em idéias e representações mentais... que desabrocham em ideologias... para concretizar-se na lei. Eis a essência por trás da aparência... a mecânica parteira da coisa. A lei é a linguagem do poder. É a expressão formalizada de uma relação de forças que uma norma fixa temporariamente. (LAMBERT, 2004, p.73)

O pior cego é aquele que não quer ver. A sabedoria milenar deste ditado deve ser compreendida para que passemos a enxergar o sistema-internacional em sua essência, para que não sejamos ludibriados diante das falácias apresentadas com freqüência pelos meios-de-comunicação de massa, que nos empurram percepções errôneas da realidade, e que somos obrigados a engolir sem poder vomitar. A idéia de globalização democrática, do mundo que apresenta cada vez mais próximo, é exemplo de farsa que nos é repassada com freqüência. O professor e geógrafo brasileiro Milton Santos, de renome internacional, avatar da escola crítica, assim se pronuncia acerca da globalização:

Este mundo globalizado, visto como fábula, erige como verdade um certo número de fantasias, cuja repetição, entretanto, acaba por se tornar uma base aparentemente sólida de sua interpretação. A máquina ideológica que sustenta as ações preponderantes da atualidade é feita de peças que se alimentam mutuamente põem em movimento os elementos essenciais à continuidade do

sistema. (...) Há uma busca de uniformidade, ao serviço de atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso o culto ao consumo é estimulado. Fala-se, igualmente, com insistência, na morte do Estado, mas o que estamos vendo é seu fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de outros grandes interesses nacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil. (SANTOS, 2003, p.18-19)

Compreender a globalização com outros olhos, analisar os reais interesses que se escondem por detrás do mito da “Nova Ordem Mundial”, e perceber o direito internacional como expressão dos vencedores dentro do sistema-mundo, consiste num caminho imprescindível para atinarmos com a realidade que nos cerca e decifrarmos os enigmas ocultos nos jogos de poder. Diante disto estaremos preparados para encarar a verdade dos fatos e prontos para iniciarmos a construção de um mundo economicamente mais viável, politicamente mais ético e socialmente mais justo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi abordado neste artigo um tema considerado “espinhoso” pela comunidade acadêmica internacional. Retratar políticas escusas, desvelar segredos comprometedores e revelar os reais propósitos dos clãs mais poderosos do planeta consiste em tarefa deveras árdua. A desconfiança com que o conspiracionismo é encarado pela Academia impede que a fumaça da fraude se dissipe e torne mais clara a realidade nefária que nos cerca. Esse convencionalismo estreito e hostil a qualquer indagação compromete uma investigação científica mais aprofundada e perquirida com minúcia.

Examinamos no presente artigo a ação escusa das sociedades secretas ao longo do processo histórico, e firmamos como objeto de estudo três delas: o Clube Bilderberg, o *Council of Foreign Relations* e a Comissão Trilateral. A atuação delas no sistema internacional, através de mecanismos escusos de manipulação, se envolvendo em maquinações ilegais, imorais e ilícitas, denotando uma perfídia digna de desprezo, não são percebidas pelo grande público, que acabam ludibriados com o embuste da “Nova Ordem Mundial”. E vale lembrar que além destas existem inúmeras agremiações ocultas enveredadas nos patamares políticos internacionais.

O direito internacional, apesar da grande importância a ele computada nos últimos 20 anos, ainda é utilizado pelas potências mundiais e seus títeres como instrumento de normatização dos “vitoriosos”, permitindo que determinadas pústulas do

sistema-mundo continuem sem cura. Somente através de uma elucidação completa da situação que nos cerca é que poderemos começar a transformar a sociedade como um todo e nos livrarmos das políticas escusas daqueles que se escondem nas sombras do poder.

No mais, na ânsia de concluir, esperamos ter efetivado a confecção do presente artigo com destreza e êxito. Apesar de até o presente momento não haver uma boa bibliografia disposta acerca do assunto, ainda sim aspiramos ter elucidado nosso objeto de estudo de forma pertinente e satisfatória. Por fim, deixamos uma frase do saudoso dramaturgo alemão *Bertolt Brecht*: “Quando a hipocrisia começa a ser de qualidade ruim, é hora de começar a dizer a verdade.” Oxalá a verdade comece a ser dita logo...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cientista morto é 'único culpado' por antraz, diz FBI. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2008/08/080806_antrazinvestigacao_cg.shtml. Acesso em: 02 ago 2008

DRAGO, A. **Uma Sociedade Secreta no Poder.** *Sociedades Secretas*, São Paulo, nº1, p.8-23, Ed. Escala, 2006.

ESTULIN, Daniel. **A Verdadeira História do clube Bilderberg.** São Paulo: Ed. Planeta, 2005.

GRAZIANO, Walter. **Hitler Ganhou a Guerra.** São Paulo: Ed. Palíndromo, 2005.

HELSIG, Jan Van. **As Sociedades Secretas e seu Poder no Século XX.** Coimbra: Ed. Ewertverlag, 1998.

LAMBERT, Jean-Marie. **Curso de Direito Internacional Público. Volume I: O Mundo Global.** Goiânia: Kelps, 2004

MAZZUOLI, Valério de Oliveira. **Curso de Direito Internacional Público.** São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2006.

MELLO, Celso D. de Albuquerque. **Direito Internacional Público.** São Paulo: Ed. Renovar, 2004.

MORRIS, Charles R. **Os Magnatas: Como Andrew Carnegie, John D. Rockefeller, Jay Gould e J.P. Morgan inventaram a supereconomia americana.** Porto Alegre: Ed. L&PM, 2006.

RAVENSROFT, Trevor. **Hitler: La Conspiracion de las Tinieblas.** Barcelona, América Ibérica, 1994.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal**. São Paulo: Ed. Record, 2003.

The Logan Act. Disponível em:
http://www.law.cornell.edu/uscode/html/uscode18/usc_sec_18_00000953----000-.html.
Acesso em 22 jul 2008.